

“O PRATO FAZ AS PESSOAS”: METONÍMIA E METÁFORA EM CONVERSA¹

“O PRATO FAZ AS PESSOAS”: METONÍMIA Y METÁFORA EM CONVERSACIÓN

“THE DISH MAKES PEOPLE”: METONYMY AND METAPHOR IN CONVERSATION

Sandra Bernardo*

Naira Velozo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Analisa-se, neste trabalho, o papel de metonímias e metáforas na organização conceptual de uma das interações do *Banco de dados interacionais* (RONCARATI, 1996), com vistas a descrever (i) as funções das metonímias com base em Littlemore (2015) e (ii) a relação entre as metonímias e as metáforas propostas. Além da função basilar da metonímia, no âmbito da Linguística Cognitiva, como processo cognitivo em que uma entidade dirige a atenção, ou dá acesso mental, à outra entidade, postulou-se as seguintes funções mais recorrentes na interação: (i) base para destaques e conceptualização (*construal*); (ii) referência anafórica, coesão e coerência; (iii) referência exofórica; (iv) construção e estabelecimento de relações entre comunidades discursivas; (v) avaliação; e (vi) humor. A partir dessas funções metonímicas, buscou-se aventar um papel basilar das metonímias em relação às metáforas, por meio dos elementos dos MCIs ativados para construção de sentidos e dos elementos do cenário destacados nas expressões metafonímicas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Metonímia. Metáfora. Interação verbal

RESUMEN: En este trabajo, se analiza el papel de las metonimias y metáforas en la organización conceptual de una de las interacciones de la *Base de datos interaccionales* (RONCARATI, 1996), con el fin de describir (i) las funciones de las metonimias basadas en Littlemore (2015) y (ii) la relación entre las metonimias y las metáforas propuestas. Además de la función básica de la metonimia, dentro del marco de la Lingüística Cognitiva, como un proceso cognitivo en el que una entidad dirige la atención, o da

¹ Produção bibliográfica vinculada ao projeto nº E-26/010.000145/2016.

* Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. Doutora em Linguística pela UFRJ. Líder do Núcleo de Estudos Língua em Uso e Cognição – NELUC. E-mail: sandrabernardo61@gmail.com.

** Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem da UERJ, doutora em Letras Vernáculas, área de concentração em Língua Portuguesa, pela UFRJ, e mestre em Letras, área de concentração em Linguística, pela UERJ. Desenvolve pesquisa em Semântica Cognitiva. E-mail: naira_velozo@yahoo.com.br.

acceso mental, a otra entidad, se han postulado las siguientes funciones más recurrentes en la interacción: (i) la base para resaltar y la conceptualización (*construal*); (ii) la referencia anafórica, la cohesión y la coherencia; (iii) la referencia exofórica; (iv) la construcción y el establecimiento de relaciones entre comunidades discursivas; (v) la evaluación; y (vi) el estado de ánimo. A partir de estas funciones metonímicas, buscamos avanzar en un papel básico de las metonimias en relación con las metáforas, a través de los elementos de los MCI activados para la construcción de significados y elementos del escenario resaltado en expresiones metafonímicas.

PALABRAS CLAVE: Lingüística Cognitiva. Metonimia. Metáfora. Interacción verbal.

ABSTRACT: In this work, the metonymies and metaphors' role in the conceptual organization of one of the interactions from the *Interaccional Database* (RONCARATI, 1996) is analyzed, in order to describe (i) the functions of metonymies based on Littlemore (2015) and (ii) the relationship between metonymies and proposed metaphors. In addition to the basic function of metonymy, in the scope of Cognitive Linguistics, as a cognitive process in which an entity directs attention, or gives mental access, to the other entity, the following most recurrent functions in the interaction were postulated: (i) basis for highlights and conceptualization (*construal*); (ii) anaphoric reference, cohesion and coherence; (iii) exophoric reference; (iv) building and establishing relationships between discursive communities; (v) evaluation and (vi) humor. From these metonymic functions, we sought to propose a basic role of metonymies in relation to metaphors, through the elements of the MCIs activated for the construction of meanings and elements of the scenario highlighted in metaphonymics expressions.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Metonymy. Metaphor. Verbal interaction.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de evidenciar o papel da metonímia na organização conceptual de interações verbais, será analisada parte de uma conversa entre nove pessoas, com diferentes níveis de participação, cuja transcrição integra o *Banco de dados interacionais* (RONCARATI, 1996), que reúne transcrições de treze conversas gravadas entre novembro de 1989 e janeiro de 1991, com duração variada, totalizando cerca de 270 minutos. A interação objeto deste trabalho, denominada BDI 1, com 25 minutos de duração, foi gravada no dia 21 de novembro de 1989, em um restaurante do *campus* da UFRJ, na Ilha do Fundão.

Conceitos e processos cognitivos vêm se revelando extremamente produtivos na descrição da organização conceptual do uso da língua em conversas informais, apesar da complexidade subjacente às interações humanas em geral, devido ao seu caráter naturalmente multimodal, devido a gestos, expressões faciais, variações prosódicas, entre outros aspectos envolvidos, quando sentidos são produzidos. Como este estudo parte de amostras de língua falada transcrita, nos ateremos ao conteúdo linguístico da interação e a alguns aspectos fonológicos registrados na transcrição.

Embora no âmbito da Lingüística Cognitiva a metonímia seja consensualmente vista como um processo ativado para acesso mental a entidades e referentes na construção de sentido, neste trabalho, nos concentraremos também em outras funções desempenhadas pela metonímia. Entre essas funções, destacamos (i) a de referência anafórica, coesão e coerência, na medida em que referentes ativados metonimicamente são retomados ao longo da interação; (ii) a de base para destaque e conceptualização (*construal*), visto que metonímias fundamentam posições e novos tópicos introduzidos na conversa pelos participantes; e (iii) a de avaliação e humor, devido ao caráter descontraído com que os participantes mais engajados na interação vão construindo coletivamente o discurso.

O papel cognitivo e discursivo das metonímias, postuladas ao longo da conversa, confirma a influência do contexto na ativação do pensamento metonímico, visto que, na época da gravação da interação, os participantes partilhavam os acontecimentos políticos recentes do país, bem como dividiam o mesmo espaço e evento – refeição no restaurante da universidade. Além disso, todos os participantes se conheciam, porque moravam no alojamento da universidade. Outra questão teórica evidenciada neste trabalho, já ressaltada em diversos estudos cognitivistas, é a inerente relação entre metonímia e metáfora conceptual, como será observado nos excertos analisados conceituados como metafonímicos.

Em seguida, na seção 2, apresentamos a fundamentação teórica, com foco em alguns tipos de metonímias descritos na literatura. A metáfora conceptual também será conceituada por meio da comparação entre esta e a metonímia. Na seção 3, são analisados os excertos postulados como metonímicos e sua relação com metáforas conceptuais, a fim de descrever as funções desempenhadas por tais metonímias na organização conceptual da interação e sua relação com metáforas. Por último, na seção 4, passaremos às considerações finais, para reiteração de alguns pontos da análise.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No âmbito da Linguística Cognitiva (LC), o número de estudos sobre metáforas é mais expressivo que os sobre metonímia. No entanto, semelhantes às metáforas, metonímias possuem uma natureza conceptual, também revelada por expressões linguísticas metonímicas. Em termos gerais, trata-se de processo em que uma entidade, denominada *veículo*, dirige a atenção ou dá acesso mental à outra entidade, denominada *alvo*.

Assim, na frase “*Washington* está negociando com *Moscou*”, *Washington* e *Moscou* seriam entidades veículos, enquanto as capitais de *Estados Unidos* e *Rússia* seriam entidades alvos. Caracteristicamente, o veículo metonimicamente relacionado e a entidade alvo são afins, ou seja, “próximos” um do outro no espaço conceitual, da mesma forma que um produtor se relaciona conceitualmente a um produto.

Entre os estudos mais documentados, encontram-se aqueles que tratam da sua função referencial; contudo, a metonímia pode, por exemplo, ser usada para construir identidades dentro de comunidades discursivas e facilitar a comunicação rápida, além de ajudar a construir relacionamentos por meio da ativação de conhecimento compartilhado, bem como, por meio desse mesmo recurso, promover um “distanciamento” social. Para ilustrar a atuação de tais funções em conjunto, quando médicos afirmam que não há *leitos* suficientes, geralmente significa ausência de suprimentos, equipamentos e funcionários, de modo que não bastaria apenas comprar uma cama hospitalar para resolver o problema: nesse cenário, o acesso a todas essas informações ativadas por meio do veículo *leito*, facilita a comunicação entre os membros da classe médica por meio do conhecimento compartilhado. Todavia, esse conhecimento evocado por termos técnicos pode distanciar médicos e pacientes, por exemplo.

Como se pensa metonimicamente, a metonímia está presente, não apenas na linguagem, mas em várias formas de expressão cotidianas (LITTLEMORE, 2015). No cinema, por exemplo, o destaque de um plano em uma cena revela a ativação de um processo metonímico para alcançar um objetivo estético. Nos mangás, personagens são retratados sem mãos (às vezes sem pés) para representar metonimicamente a perda de controle do personagem. Na música, os gestos de um maestro representam cada parte de um concerto. Esses exemplos evidenciam a abrangência, sutileza e flexibilidade da metonímia, que pode desempenhar várias funções: pragmáticas, retóricas, discursivas entre outras.

Entre os estudos que se concentram na natureza cognitiva e linguística da metonímia é consensual a conceituação de Kövecses (2006, p. 99), para quem a “[...] metonímia é um processo cognitivo no qual um elemento ou entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo, dentro do mesmo *frame*, domínio ou modelo cognitivo idealizado [MCI]” (tradução nossa).

Nessa definição, encontram-se três conceitos que devem ser comentados: *frame*, domínio e MCI. Os *frames* podem ser definidos como um “[...] sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373, tradução nossa). A partir dessa noção de *frame*, Blank (1999, p. 173) distingue *frames* estáticos e cenários dinâmicos. Metonímias do tipo produtor pelo produto, *Machado de Assis* para acesso a uma de suas obras, por exemplo, envolvem um *frame* estático; ao passo que em ação pelo evento, como em *Fiquei feliz depois do jantar com ele*, em referência a um encontro, envolveria uma sequência de ações caracterizadora do evento.

O conceito de MCI abarcaria tanto cenários dinâmicos quanto *frames* estáticos, visto que consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987), sendo assim flexíveis e

esquemáticos, porque não necessariamente reais, mas idealizados. Assim, os MCIs estruturam o conhecimento cultural das pessoas, mas não se restringem ao “mundo real”. Por esta razão, também abrangem as visões subjetivas das pessoas de um conceito específico e podem ser altamente idiossincráticos, pois são uma abstração dos encontros das pessoas com esse conceito específico (LITTLEMORE, 2015).

Domínios constituem uma estrutura de conhecimento coerente que possui, em princípio, algum nível de complexidade ou organização. Um domínio fornece um tipo particular de representação coerente do conhecimento em relação à qual outras unidades conceituais são caracterizadas. Por exemplo, os termos *quente*, *frio* e *morno* relacionam-se a diferentes tipos de conceitos lexicais que podem ser caracterizados em conjunto em relação ao domínio TEMPERATURA. Portanto, a função central de um domínio é fornecer um contexto de conhecimento relativamente estável em termos do qual outros conceitos podem ser entendidos (EVANS, 2007).

Para ilustrar a relação entre domínio e MCI, Littlemore (2015, p. 12) afirma que o MCI CARROS gera uma metonímia não linguística, ao lembrarmos do Mini amarelo dirigido pelo personagem cômico Mr Bean, pois o carro é tão pequeno que o personagem mal cabe dentro dele; logo as cenas do personagem entrando no carro e dirigindo todo encolhido consistem em uma parte da comicidade do programa. Por outro lado, como PESSOA e CARRO pertencem a domínios diferentes, um dos aspectos que diferencia metáfora e metonímia conceptuais, o Mini do Mr Bean poderia ser compreendido como uma metáfora. Isso demonstra a relação complexa e sutil entre metáfora e metonímia.

Além desses conceitos, citados por Kövecses (2006) na definição de metonímia, outro conceito desempenha papel fundamental na ativação do pensamento metonímico: os esquemas imagéticos, que se formam por meio da percepção sensorio-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações experienciadas em nossa interação com o ambiente (GIBBS; COLSTON, 2006[1995]). Blocos de construção mais básicos da cognição, os esquemas imagéticos são as primeiras e mais fundamentais representações mentais do conhecimento desenvolvido na infância. Surgem, pois, dos primeiros encontros com objetos e das maneiras pelas quais os corpos interagem com esses objetos, portanto são “corporificados” (LITTLEMORE, 2015, p. 13).

Conceituado por Littlemore (2015, p. 13) como um tipo de MCI, o esquema imagético consiste em um padrão regular que ocorre como domínio fonte (ou estrutura parte de um domínio fonte), para diferentes domínios alvos. São exemplos típicos de esquemas imagéticos: CONTÊINER, CAMINHO, ESCALA, VERTICALIDADE, EQUILÍBRIO, CONTROLE e CENTRO-PERIFERIA. A ocorrência de esquemas imagéticos está em consonância com a natureza corporificada, enciclopédica e não-autônoma do significado, visto que domínios pré-linguísticos, como o espacial, projetam-se dentro de domínios mais abstratos, produzindo novas estruturas, por meio de metonímia e metáfora, entre outros processos cognitivos.

A metonímia pode, portanto, ser vista como um processo cognitivo amplamente utilizado quando se usa a linguagem ou, como aponta Littlemore (2015), qualquer forma de comunicação simbólica. Ao ativar o pensamento metonímico, novas metonímias podem surgir, porém, na maioria das vezes, as metonímias usadas são tão convencionais que podem não ser reconhecidas como tais. O pensamento metonímico se torna mais aparente quando novas metonímias são produzidas, ou encontradas, devido ao contato com outras línguas ou outras comunidades discursivas.

Para ilustrar um caso de metonímia convencional, ilustramos um excerto do *Banco de dados interacional* (BDI), analisado em trabalho anterior com foco no estudo de metáforas (BERNARDO; VELOZO; MARTINS, 2016):

(1) 0511 (Jo) Vamos *puxar o carro*? (BDI 2A)

Na expressão metafórica de (1), usada ao final de uma conversa entre estudantes no alojamento masculino da UFRJ, PESSOA é conceptualizada como MÁQUINA, devido à analogia entre o movimento de automóveis e o do corpo humano, que usa veículos para

locomoção. Logo, na construção *puxar o carro* com sentido de *sair*, há uma base metonímica, já que o ato de dirigir um carro, meio usado para deslocamento, propicia acesso mental ao ato de sair, a saber: INSTRUMENTO PELA AÇÃO.

A conceptualização PESSOA É MÁQUINA baseia-se numa metonímia, que, por sua vez, relaciona-se aos esquemas imagéticos de PERCURSO e PARTE-TODO, surgidos da experiência física com coisas compostas de partes e deslocamentos. A construção de sentido ocorre num contexto cultural e linguístico devido à ativação do conhecimento da expressão e à percepção de encerramento próximo da conversa, um conhecimento das instâncias de organização conversacional: papel dos participantes e tópico discursivo.

Com base nos conceitos de MCI e domínio, Kövecses (2006, 2010) propõe diferenças entre metáfora e metonímia em termos de: similaridade *versus* contiguidade; dois domínios contra um domínio; entendimento *versus* dirigir a atenção; mesmo reino *versus* reinos distintos. A *similaridade* caracteriza a metáfora, enquanto *contiguidade* é um recurso da metonímia. Deve-se observar, contudo, que, assim como existem muitos tipos diferentes de similaridade, existem também muitos tipos diferentes de contiguidade.

Assim, para estabelecer a distinção entre similaridade e contiguidade, Kövecses (2010, p. 174) adota a estratégia de Gibbs (1994), quem sugere o teste do *é como*, aplicado aos seguintes exemplos: (i) “The *creampuff* was knocked out in the first round of the fight” (O *geleia* foi eliminado no primeiro round da luta, tradução nossa); e (ii) “We need a new *glove* to play third base” (Precisamos de *uma nova luva* para jogar a terceira base, tradução nossa). Em (i), há uma metáfora, porque o “lutador é como uma geleia”; em (ii), a paráfrase “o jogador da terceira base é como uma luva” não seria possível.

A metáfora envolve dois conceitos *distantes* no sistema conceitual (embora sejam semelhantes). A distância, em grande parte, resulta do fato de que um conceito ou um domínio é abstrato, enquanto o outro é tipicamente concreto: IDEIAS SÃO ALIMENTOS, AMOR É VIAGEM. Na metonímia, em contrapartida, temos dois elementos, ou entidades, estreitamente relacionados entre si no espaço conceitual: PRODUTOR PELO PRODUTO, EFEITO PELA CAUSA. Em todos esses casos, há um único domínio ou MCI, envolvendo vários elementos que podem estar metonimicamente ligados uns aos outros. Elementos de uma relação metonímica formam um *único domínio*. Em contrapartida, a metáfora utiliza *dois domínios* distintos e MCIs distantes.

A principal função da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra. O *entendimento* é alcançado pelo mapeamento da estrutura de um domínio em outro. Há um conjunto de mapeamentos sistemáticos entre os elementos da fonte e do alvo. A metonímia, no entanto, é menos utilizada para fins de compreensão, embora esta função não esteja completamente descartada. A principal função da metonímia parece ser a de fornecer *acesso cognitivo* a uma entidade alvo, menos imediata ou não facilmente disponível, por meio de uma mais concreta, ou uma entidade saliente do veículo é usada para dar ou ganhar acesso a uma entidade alvo mais abstrata ou menos saliente no mesmo domínio.

Pode-se pensar nesse processo de proporcionar acesso a um alvo como uma espécie de mapeamento. Na metonímia, em contraste com a metáfora, não existe um mapeamento único, um mapeamento que leva o ouvinte de uma entidade (veículo) para outra (alvo), visto que se podem evocar várias outras partes dentro do domínio ou todo o domínio. Porém, ainda assim, a metonímia será menos sistemática do que no caso de metáfora.

A metáfora surge da projeção entre os conceitos. O reino dentro do qual se encontra a metáfora é o dos conceitos, ou seja, um domínio conceitual que se expressa através da linguagem. A metonímia, entretanto, não ocorre apenas entre os conceitos, ou seja, entre duas entidades conceituais (dentro do mesmo domínio conceitual ou MCI). Relações metonímicas também podem ser encontradas entre as formas da palavra e o mundo real (não-linguístico), em referência às formas de texto e aos conceitos correspondentes. Isso porque existem vários tipos de relações entre os componentes dos sinais em geral e do signo linguístico em particular. Logo, os domínios envolvidos na metonímia atravessam *reinos distintos* (como conceito, forma da palavra, referente), enquanto, na metáfora, só ocorrem dentro do *mesmo reino* (dos conceitos), mas em diferentes domínios distantes.

Littlemore (2015), ao aplicar os critérios propostos por Kövecses (2006) a dados reais de uso linguístico, revê algumas posições, entre elas o critério da contiguidade entre entidades numa relação metonímica, que pode variar enormemente de acordo como contexto e o próprio ponto de vista. A autora sugere maneiras pelas quais as abordagens da LC para a metonímia poderiam ser adaptadas

para dar conta da natureza complexa, dinâmica, nuançada, culturalmente ressonante e multifacetada da metonímia na linguagem e em outros modos de expressão.

Assim, Littlemore (2015), cujos postulados são adotados como base da análise proposta neste trabalho, retoma alguns critérios usados por Kövecses (2006, 2010) para classificação dos tipos de metonímia² à luz dos conceitos de MCI e domínio, bem como os critérios para escolha das entidades veículo. Tais classificações são resumidas em seguida.

Segundo Kövecses (2006, 2010), metonímias podem surgir de duas formas em termos gerais: (1) relação TODO-PARTE ou PARTE-TODO, ou (2) PARTE-PARTE. A partir dessa classificação, com base na noção de MCI, propõe especificações.

Para o autor, a relação entre um todo e uma parte normalmente se aplica a coisas, tomando a noção de coisa de uma maneira maximamente geral, com sentido esquemático. Logo, as coisas, em especial objetos físicos, normalmente são concebidas como sendo internamente compostas de várias partes. Assim, a configuração do MCI TODO e SUA(S) PARTE(S) captura principalmente metonímias envolvendo coisas, portanto o MCI COISAS.

Existem basicamente duas variantes desse MCI: TODO PELA PARTE (América por EUA) e PARTE PELO TODO (Inglaterra por Grã-Bretanha). A metonímia *coisa toda por uma parte da coisa* é amplamente encontrada em situações que Langacker (2008) descreve como “zona ativa”. Por exemplo, em *O carro precisa de lavagem*, todo *O carro* pode ficar como um todo numa “zona-ativa”, embora somente algumas partes sejam lavadas.

A variante metonímica *parte de uma coisa pela coisa toda* vem tendo tradicionalmente um estatuto especial sob o nome de sinédoque. Peças que são usadas para representar as coisas físicas incluem metonímias conhecidas, como mãos, face, cabeça ou perna pela pessoa inteira. Da mesma forma, coisas abstratas podem ser acessadas metonimicamente de suas partes, como “coroa pela monarquia”.

Dentro desse mesmo MCI COISA, encontram-se os seguintes tipos de relações metonímicas:

- (i) MCI CONSTITUIÇÃO – A relação entre um objeto e o material que o constitui corresponde à distinção gramatical entre entidades contáveis e incontáveis, por exemplo.
- (ii) MCI EVENTO COMPLEXO – partes de um evento pelo evento todo. Na frase, *A formatura foi emocionante*, o final de uma graduação pode ser tomado para representar toda a graduação.
- (iii) MCI CATEGORIA E MEMBRO – a relação entre uma categoria e seus membros gera a metonímia reversível MEMBRO DE CATEGORIA PELA CATEGORIA. O membro de uma categoria usado como veículo ou alvo metonímico é especialmente notável. Por exemplo, a aspirina é um dos analgésicos mais conhecidos, por isso pode ser usada facilmente para indicar analgésicos em geral.
- (iv) MCI CATEGORIA E PROPRIEDADE – se as categorias forem definidas por um conjunto de propriedades, essas propriedades são necessariamente parte da categoria. Categorias podem ser metonimicamente representadas por uma ou mais propriedades definidoras; assim como, inversamente, uma propriedade definidora ou essencial de uma categoria pode evocar e representar metonimicamente a categoria que define. Por exemplo: a metonímia reversível PROPRIEDADE PELA CATEGORIA em *dislexia por pessoas disléxicas*.

Esses tipos metonímicos podem se relacionar e/ou gerar metonímicas específicas. Na frase *O lado bom de trabalhar à noite é que os engravatados já foram para casa*, envolve as metonímias PROPRIEDADE PELA CATEGORIA, visto que vestir terno e gravata caracteriza funcionários de cargo mais alto numa empresa, que, por sua vez, representam toda uma categoria de executivos: MEMBRO PELA CATEGORIA. Ambas as metonímias estão incluídas numa relação PARTE-TODO.

² Essa classificação já aparece em Radden e Kövecses (1999).

O mesmo tipo de pensamento metonímico é ativado pela expressão *crime de colarinho branco*, ao evocar toda uma categoria de crimes cometidos por pessoas que usam poder e prestígio em causa própria, por meio de uma parte da vestimenta característica desse tipo de pessoas, o terno. Nesse caso, a parte tomada foi o colarinho, que, por ser branco, remetendo à limpeza e à pureza, evoca de forma irônica a impunidade normalmente ligada a tais crimes. O colarinho também evoca a vestimenta de padres, que remete à retidão moral, algo ausente nos corruptos em poder.

Esses exemplos se relacionam às questões socioculturais que fundamentam as relações metonímicas ativadas na vida cotidiana. Tais aspectos influenciam as escolhas de entidades veículo e alvo nesse tipo de processo cognitivo, daí a importância de estudá-lo em dados de uso real da língua.

O outro tipo geral de metonímia proposto por Kövecses (2006, 2010) envolve relações PARTE-PARTE de um MCI. A relação entre uma entidade conceitual e outra de um MCI pode ser compreendida como uma metonímia PARTE-PARTE. Enquanto a relação TODO-PARTE/PARTE-TODO normalmente se aplica a coisas (MCI COISA), a relação entre as partes tipicamente aplica-se a entidades conceituais em um evento (MCI EVENTO). Sob o MCI EVENTO, Kövecses (2010) discrimina metonímias com base em sete MCIs: AÇÃO, CAUSAÇÃO, PRODUÇÃO, CONTROLE, POSSESSÃO, CONTENÇÃO e MCIs envolvendo RELAÇÕES INDETERMINADAS. Entre esses casos, ilustra-se aqui a classificação a partir dos quatro primeiros:

(i) MCI AÇÃO – INSTRUMENTO DE AÇÃO PELA AÇÃO (esquiar); AÇÃO PELO AGENTE (ir ao salão cortar cabelo por cabeleireiro cortar o cabelo do cliente); PERÍODO DE TEMPO DE AÇÃO PELA AÇÃO (veranear em Portugal); TEMPO DE MOVIMENTO PELA ENTIDADE ENVOLVIDA NO MOVIMENTO (O 8:40 chegou ao ponto final atrasado). Percebe-se, nesses casos, a mudança de classe das palavras usadas para ativar as metonímias, evidenciando a relação entre essas e os processos de derivação e flexão da língua.

(ii) MCI CAUSAÇÃO – quando uma coisa ou evento causa outro, ativa-se uma relação CAUSA-EFEITO, que pode produzir metonímias CAUSA PELO EFEITO (*fitness* pelo bom estado de saúde, devido à adoção de atividades físicas e boa alimentação) ou EFEITO PELA CAUSA (estrada lenta pela lentidão do trânsito devido a buracos da estrada). Entre as metonímias EFEITO PELA CAUSA, Kövecses destaca dois tipos: ESTADO/EVENTO PELA COISA/PESSOA/ESTADO que causou (Ela era um sucesso; Ele foi um fracasso; Ela é minha ruína) e SOM CAUSADO PELO EVENTO que o causou, em que os MCIs AÇÃO e CAUSAÇÃO podem se combinar para produzir a metonímia em *O trem apitou na estação*.

(iii) MCI PRODUÇÃO – envolve ações nas quais um dos participantes, ou entidades, é um produto. A produção de objetos parece ser um tipo de ação causal particularmente saliente. O MCI PRODUÇÃO origina várias relações metonímicas envolvendo a coisa produzida: PRODUTOR PELO PRODUTO (Comprei um Fiat); AUTOR PELA OBRA (Estou lendo Machado de Assis); LUGAR PELO PRODUTO PRODUZIDO NO LOCAL (Gosto de tomar o mocha naquela padaria – tipo de café produzido em Mocha).

(iv) MCI CONTROLE – envolve a relação entre um controlador e uma pessoa ou um objeto controlado. Origina relações metonímicas reversíveis: CONTROLADOR PELO CONTROLADO (Hitler invadiu a França) e CONTROLADO PARA O CONTROLADOR (O Fiat chegou).

(v)

Além da taxonomia para os tipos de metonímia, Radden e Kövecses (1999), retomados em Littlemore (2015), fornecem uma lista útil de princípios que explicam por que certos tipos de palavras e frases tendem a ser selecionados como veículos metonímicos e outros não, a saber:

(i) A opção por itens *concretos* em relação a *abstratos*, devido à percepção mais imediata. Isso explica porque é mais fácil dizer *trabalho na bolsa* do que *trabalho com análise e especulação de dados financeiros*, por exemplo.

(ii) *Início e final* são preferencialmente selecionados para representar o processo como um todo do que o meio dos eventos. Esse princípio, *início ou final sobre meio*, resulta de preferências culturais. A expressão inglesa *'putting the kettle on'* (colocar a chaleira), que ocorre no início do processo, é usada para se referir ao processo de fazer chá e ao evento como um todo, em lugar de *'putting tea bags in the pot'* (colocar saquinhos de chá no pote), que ocorre no meio do processo.

(iii) Escolha de algo básico em lugar de algo não-básico. O princípio *básico sobre não-básico* também reflete preferências culturais na determinação de um veículo. Esse princípio é frequentemente usado, quando aproximações vagas estão sendo usadas, por exemplo, a expressão *homens...* para referir características tipicamente masculinas.

Segundo Littlemore (2015), tais princípios se enquadram em três grandes categorias: *experiências humanas* (interações cotidianas com o mundo), *seletividade perceptual* (propensão de perceber certas coisas, devido à maneira como o cérebro funciona) e *preferências culturais* (coisas que se aprende a perceber por causa da cultura em que se foi criado). Além disso, a preferência por certos tipos de veículos também é influenciada pela necessidade de clareza e relevância (*princípios comunicativos*). Também pode haver fatores primordiais, como o desejo de produzir certos efeitos retóricos, ou falar eufemisticamente. Nessas situações, o orador pode buscar ser deliberadamente vago, o que significa uma substituição de um princípio de clareza.

Esses aspectos levam à seleção de conceitos estereotipados, visto que são mais acessíveis ou cognitivamente disponíveis do que os menos estereotipados e, portanto, mais propensos a serem usados como um ponto de acesso a outras ideias. Assim, metonímias funcionam como processo cognitivo que otimiza a memória de trabalho, já que todo um domínio se torna acessível por meio uma forma abreviada que funciona como gatilho.

Littlemore (2015) aborda outras funções das metonímias, além propiciar o acesso cognitivo, a saber: (i) base para destaques e conceptualização (*construal*), propiciando uma perspectiva; (ii) referência anafórica, coesão e coerência, contribuindo para o encadeamento discursivo; (iii) referência exofórica, evocando relações complexas fora do contexto discursivo ou de um texto; (iv) atos ilocucionários, relacionado atos de fala indiretos ao propósito comunicativo; e (v) construção de relações entre comunidades discursivas e de prática por meio de aspectos que lhes são característicos. Além dessas, há outras funções criativas desempenhadas, como avaliação, humor e eufemismo. Essas funções não são estanques. Na seção 3, tais funções serão apresentadas à luz dos excertos analisados.

Por todos os aspectos resumidos aqui acerca da metonímia, é possível perceber a complexidade subjacente às funções que tal processo cognitivo pode desempenhar na língua em uso, de modo a economizar esforço de acesso aos referentes, expressar intenções e visões de mundo, bem como auxiliar no estabelecimento da coesão/coerência discursiva. Portanto, consideramos relevante investigar as amostras de fala selecionadas com foco na metonímia, bem como sua relação com metáfora.

Devido à relação complexa e imbricada entre metáfora e metonímia, Goossens (1990) postulou o conceito de metafonímia para descrever sentidos produzidos por ativação desses dois processos. Acreditamos que a ativação de metáforas envolve, de forma geral, algum tipo de recorte metonímico, na medida em que parte de um domínio é tomado como fonte para conceituação de um alvo. Apresentados os fundamentos teóricos, passamos, em seguida, à seção de análise.

3 “O PRATO FAZ AS PESSOAS”

Antes iniciarmos a análise, algumas informações metodológicas são necessárias: os 25 minutos de duração da conversa foram transcritos em um total de 704 unidades entonacionais (UnEs), com base no sistema de Chafe (1988) e adaptações de Du Bois et alii (1992), porém analisaremos 205 unidades, por duas razões: o limite inerente a este texto e a decisão de evidenciar o papel coesivo de expressões metonímicas e metafóricas no início da interação.

No Quadro (1), os critérios de transcrição utilizados em Roncarati (1996) são listados. Os participantes são referenciados por letras iniciais de seus nomes. Reticências entre barras serão usadas, nesta seção, para marcar supressão de excertos não relacionados a metonímias e metáforas, bem como trechos relatados ou repetidos, ao longo da análise.

= – alongamento; ? – entonação ascendente; , – entonação contínua; . contorno de entonação final; -- – comentário marginal; + – elisão; (()) – comentário do analista; ca-fé – silabação;	LETRA MAIÚSCULA – ênfase; uh – hesitação; [] – sobreposição “ ” – citação; < > – dúvida quanto à palavra; / – palavra incompleta; // – unidade entonacional truncada; [[– fala simultânea.
---	---

Quadro 1: Sistema de transcrição

Fonte: Roncarati (1996, p. 8)

O tópico central da interação foi o resultado do primeiro turno das eleições para Presidente da República de 15 de novembro de 1989, quando Lula e Collor avançam para o segundo turno. A conversa ocorre em meio a brincadeiras, enquanto os participantes jantam. No início da refeição, acomodados em duas mesas contíguas, depois de cumprimentos, o participante (Rom) pergunta quais novidades, iniciando a conversa, conforme excerto (2).

Excerto (2)

006 (Rom) Quais novidades? /.../

011 (Mar) *Saiu o Ique* na//

012 no Jornal do Brasil

013 (Inint)

014 disseram:

015 “Juntos,

016 chegaremos lá” /.../

019 Leu essa charge.

020 A novidade

021 meu caro

022 é que

023 *ficar de frenTE pro mar*

024 *e de costas pro Brasil*

025 não vai fazer disso aqui um bom lugar.

Nessa passagem, duas expressões foram consideradas metonímicas: *Saiu o Ique* e *ficar de frenTE pro mar e de costas pro Brasil*. Na primeira, temos um caso de AUTOR PELA OBRA, visto que o participante emprega inicialmente o nome do cartunista e só na UnE 019 emprega a palavra *charge*. Essa metonímia relaciona-se ao MCI PRODUÇÃO, um tipo de AÇÃO em que um dos participantes, ou entidades, é um produto. Essa expressão desempenha uma função referencial exofórica, na medida em que o participante recruta matéria publicada no Jornal do Brasil por meio do nome do cartunista como gatilho linguístico para ativar conhecimento enciclopédico dos interlocutores.

A partir da UnE 020, (Mar) expressa sua visão com base na charge, respondendo à pergunta de (Rom) sobre as novidades, ao afirmar que *ficar de frenTE pro mar e de costas pro Brasil* não tornará nossa realidade melhor. Essa passagem envolve uma analogia entre a posição do corpo e a postura dos brasileiros em relação ao país. Esse comentário pode ter surgido devido, provavelmente, à frase “Juntos chegaremos lá”, citada próxima à charge na página do jornal, sobre a qual o falante (Mar) comenta após a pergunta (Rom). Como charges envolvem assuntos políticos, acreditamos que o falante estava ativando reflexões sobre o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, tópico central da conversa, o que será confirmado adiante.

Postulamos, para essa expressão, a metonímia AUSÊNCIA DE AÇÃO DO CORPO PELA AUSÊNCIA ATITUDE POLÍTICO-SOCIAL, ligada ao MCI CAUSAÇÃO, em que se observa uma relação CAUSA-EFEITO, pois, se não houver ação, não haverá mudança. Essa expressão também evidencia uma relação metafórica, visto que a posição do corpo representa a necessidade de engajamento, configurando a

metáfora POSIÇÃO DO CORPO É POSIÇÃO POLÍTICO-SOCIAL, porque posição do corpo e posição político-social podem ser considerados domínios distintos.

O MCI CAUSAÇÃO foi postulado como subjacente à expressão metonímica e metafórica, porque uma causa particular pode ser usada para referir seu efeito, ou vice-versa; logo, trata-se de uma metonímia PARTE-PARTE, que se relaciona aos esquemas imagéticos de MOVIMENTO e ESPAÇO, visto que *frente* e *costas* do corpo são convencionalmente usadas como base física para representar algo importante ou não, respectivamente, em termos perceptuais. Assim, em nossa cultura, o que fica às costas deixa de ser relevante perceptual e conceitualmente. Como essa expressão suscita a introdução do primeiro tópico da conversa, após cumprimentos iniciais, foi considerada uma base para destaques e conceptualização (*construal*), pois destaca a opinião do falante. Além disso, pode ser conceituada um caso de função de construção e estabelecimento de relações entre comunidades discursivas, já que o falante chama a atenção para atitude política dos brasileiros desejada.

Na sequência da interação, são assinalados os barulhos de talheres e um comentário de Neide, que, embora não registrado, gera a passagem do excerto 3.

Excerto (3)

026 (Mar) Neide
 027 você está *amarga*
 028 e cruel
 029 perversa
 030 abominável. ((Risos))
 031 (Jur) Todo *petista* é assim.
 032 Tem algumas exceções né?
 033 Mama=ta né?
 034 (Nei) Não sou passional.

Na UnE 027, a palavra *amarga* leva a um encadeamento metonímico e metafórico, um caso de metafonímia, visto que podemos postular as metonímias PALADAR PELA PESSOA e PALADAR PELA EMOÇÃO DA PESSOA, que leva à metáfora EMOÇÃO É PALADAR. As UnEs seguintes com os adjetivos *cruel*, *perversa* e *abominável* reforçam nossa avaliação acerca do papel dessa passagem na conversa com caráter humorístico, em razão dos risos registrados na transcrição, que remete ao caráter lúdico e avaliativo desempenhado por metonímias, na medida em que (Mar) destaca características emocionais atribuídas à Neide.

Essa passagem, aliada a sequência das UnEs 031 a 034, evidenciam a função de base para destaques e conceptualização (*construal*), devido ao desdobramento do tópico iniciado por (Mar), quando (Jur) cita petistas, caracterizando Neide como tal. A avaliação de Neide como uma petista cruel, perversa e abominável demonstra também as seguintes funções da metonímia no excerto (3): (i) avaliação e humor; (ii) construção de relação e estabelecimento de comunidades discursivas, visto que enquadra Neide como petista e (iii) coesão e coerência discursiva, considerando a relação com “Juntos chegaremos lá” das UnEs 015 e 016.

Embora o tópico sobre o primeiro turno das eleições de 15 de novembro de 1989 não tenha sido introduzido direta e explicitamente com a fala de (Mar), a generalização de (Jur) sobre petistas na UnE 031 pode ser interpretado como uma confirmação da ativação dos acontecimentos do país, já que a conversa acontece no dia 21 de novembro de 1989. O excerto (3) pode ser considerado um caso relação PARTE-TODO, com base nos MCIs PROPRIEDADE E CATEGORIA (UnE 027) e MEMBRO E CATEGORIA (UnE 031), em razão do destaque das características atribuídas à Neide.

Na sequência da conversa, das UnEs 035 a 052, entre falas sobrepostas, Neide reafirma não ser passional e ser mais de empolgação, quando (Jur), em meio a falas de fundo não registradas, pergunta se o participante (Rom) votou, quem responde e confirma que não votou, levando a falante (Jur) a expressar o seguinte comentário: “Ah. Justificou né?” (UnE 050). Em seguida, (Mar) afirma que “Nós vamos continuar fazendo a *feira* agora” (UnE 051), provavelmente se referindo ao segundo turno da eleição, já que este falante vem

trabalhando esse tópico na conversa. Se considerarmos essa interpretação, com base no MCI EVENTO, podemos considerar a palavra *feira* como um gatilho para metáfora ELEIÇÃO É FEIRA, devido ao pensamento em nossa cultura de que esse evento político é uma comemoração da democracia.

Esse trecho sobre eleição ocorre em paralelo a comentários não registrados. Assim, após a fala de Neide na UnE 052 – “Espero que não tenha férias” –, ocorre uma pausa mais longa (6.56), depois da qual Neide convida o participante (Al) a falar algo na UnE 053. Das UnEs 054 a 061, os participantes (Mar) e (Nei) comentam sobre a comida estar boa. Porém, como (Al) apenas citou o paladar bom da refeição, segue-se a passagem do excerto (4), em que este participante responde à provocação de (Nei).

Excerto (4)

- 062 (Nei) Ele fica encabulado quando come.
 063 (Al) Vocês mulheres deveriam tirar essa
 064 *roupa de militante*
 065 *calça comprida* e começar a vestir uma *saia*.
 066 (Nei) E vir nuas pra Letras.
 067 (Jur) Não precisa chegar a tanto né o Alex?

As expressões *roupa de militante*, *calça comprida* e *vestir saia* (UnEs 064 e 065) podem ser consideradas metonímicas, com base no MCI PROPRIEDADE E CATEGORIA, porque o falante ativa parte do vestuário para estereotipar comportamento feminino. A metonímia ROUPA PELO COMPORTAMENTO desempenha o papel de construir uma categorização por meio do vestuário de mulheres não militantes e militantes, função denominada como construção de relações entre comunidades discursivas e de prática por meio de aspectos que lhes característicos (Littlemore, 2015).

Das UnEs 068 a 072, em meio a ruídos e pausas mais longas, a falante (Nei) afirma que é melhor (Al) continuar calado; em seguida, retira o comentário. A pergunta de (Ana) na UnE 073 leva os participantes a conversar sobre comida, conforme o excerto (5).

Excerto (5)

- 073 (Ana) Quem pegou salada nesse prato?
 074 Nada.
 075 (Rom) Deve tá caindo todo.
 076 Fui pegar mais porque o prato tá=
 077 pequenininho.
 078 (Mar) Tá vendo como o=
 079 *ambiente faz as pessoas*.
 080 (Jur) *O PRATO faz as pessoas*.
 081 (?) Hum=
 082 Oi?
 083 (Jur) Ele falou pra mim que o *ambiente faz as pessoas* eu falei que o *prato FAZ as pessoas*

Nas UnEs 079 e 080, podemos observar um encadeamento metonímico: LOCAL PELO COMPORTAMENTO e PRATO DE COMIDA PELO COMPORTAMENTO, que desempenham as seguintes funções: (i) base para destaques e conceptualização (*construal*), na medida em que fornece acesso a conhecimentos compartilhados pelos falantes na organização conceptual conjunta da interação; (ii) referência anafórica, coesão e coerência, visto que a fala de um participante é completada por outro de forma enfática, representada pelas letras maiúsculas; (iii) referência exofórica, porque objetos do cenário são recrutados para dar sentido à interação, pois a conversa acontece durante o jantar; (iv) construção e estabelecimento de relações entre comunidades discursivas, já que os comentários jocosos remetem não apenas ao participante que prepara um prato cheio, mas ao comportamento de muitas pessoas em nossa cultura,

quando se alimentam em restaurante *self service* com preço fixo, comendo maior quantidade³; (v) função lúdica, devido à intenção de criar uma situação humorística, estratégia amplamente usada ao longo da interação.

Na UnE 083, falante repete seu comentário, uma estratégia de coesão em interações face a face, para esclarecer dúvida de um dos presentes que perdeu o encadeamento do discurso. Depois de uma pausa mais longa (5.40). A forma como a participante repete os comentários anteriores leva à sequência do excerto (6A), em que o tópico sobre eleições é retomado, após um trecho de (Nei) sobre como os participantes (Jur) e (Mar) estão se comportando em termos discursivos.

Excerto (6A)

- 084 (Nei) Não tão deixando eu falar
 085 Jurema dá cada=
 086 *coice* inoportuno. ((Risos))
 087 O Marcelo não entende [nada do que eu falo//]
 088 (Ana) [O que cê tá] achando de diferente
 aqui?
 089 (Al) [[É assim mesmo (Inint)
 090 (Jur) [[Olha aqui Neide (Inint)
 091 eu vou cortar você também ((Fala rápida))
 092 (Nei) Ih
 093 Esqueci que você é meio *brizolista*
 094 minha amiga.
 095 (Jur) Pois é.
 096 (Nei) Minha *companheira*.
 097 (Jur) Pois é.
 098 (Nei) Choramos juntas.

Das UnEs 084 a 091, participantes, capitaneados por (Nei) comentam sobre seus papéis no andamento da construção conjunta da conversa. Tais comentários podem ser considerados metadiscursivos. A participante (Nei) avalia a postura de (Jur) por meio de um comentário metafonímico *COICE É DISCURSO AGRESSIVO*, na UnE 086, na medida em que parte do comportamento de um animal (*coice*) é usado para avaliar a forma como a falante se expressa linguisticamente. Assim, a metonímia (PARTE DO) COMPORTAMENTO ANIMAL PELO TIPO DE DISCURSO, relacionada ao MCI PROPRIEDADE E CATEGORIA, desempenha um papel humorístico e avaliativo, devido aos risos, além do papel de manter a coesão e coerência na construção do discurso. Logo, essa metonímia fundamenta a metafonímia empregada no contexto da interação. *COICE É DISCURSO AGRESSIVO* pode ser uma instância da metáfora PESSOA É ANIMAL. Os participantes (Ana) e (Al) contribuem com comentários metadiscursivos em consonância com a opinião de (Nei). Esse trecho é concluído com comentário de (Jur), que ameaça cortar a fala de (Nei), algo reclamado pela na UnE 084.

Em resposta ao comentário de (Jur), (Nei) retoma o tópico das eleições, ao caracterizar a interlocutora como *brizolista* nas UnEs 093 e 094, uma metonímia relacionada ao MCI MEMBRO E CATEGORIA. Na sequência, UnEs 095 a 100, as participantes (Nei) e (Jur) verbalizam comentários que as alinham em termos de posição política, esta concordando com aquela, por meio de *Pois é* (UnEs 095, 097) e *Hum* (UnE 099). O termo *companheira* em (UnE 096) foi considerado metonímico, devido à ambiguidade que acrescenta ao discurso, por se tratar de um reforço do alinhamento político de (Nei) e (Jur), já que se trata de uma forma recorrente com que Lula se dirigia aos militantes de seu partido.

³ Outra possibilidade interpretação, além da cultura de comer mais em restaurante *self service*, com base na UnE 77, em que o falante usa a palavra *pequeninho*, seria o prato estar com pouca comida, levando-o a buscar mais. Em nossa concepção, essa interpretação não inviabilizaria a metonímia, porque restaurantes desse tipo permitem acesso à comida em mais de uma etapa, por exemplo, em comparação ao modo *a la carte*. Logo, a metonímia poderia caracterizar a pessoa que se serve em etapas, montando o prato de forma diferenciada, comendo um tipo de comida por vez. A metonímia caracteriza, pois, a forma como o falante está servindo-se da comida, ressaltada pelo interlocutor.

Assim, nesse trecho, encontramos uma relação PARTE-TODO, relacionada aos MCIs MEMBRO E CATEGORIA (UnE 093) e PROPRIEDADE E CATEGORIA (UnE 096), respectivamente. Essas duas relações metonímicas podem ser postuladas como NOME PELA POSIÇÃO POLÍTICO-PARTIDÁRIA, porque os termos *brizolista* e *companheira* propiciam acesso mental ao conhecimento político partilhado pelos interlocutores, depreendido dos comentários das participantes (Nei) e (Jur). Pode-se destacar as seguintes funções dessa metonímia: (i) manutenção da coesão e coerência do discurso em construção, retomando o tópico conversacional; (ii) base para destaque da conceptualização, colocando em foco o alinhamento político entre as falantes; (iii) expressão de avaliação e humor, já que ambas chorariam juntas na visão de (Nei).

Excerto (6B)

- 099 (Jur) Hum.
 100 (Nei) Tem nada não Jurema.
 101 (Mar) *Amargo regresso.*
 102 (Jur) Juntos *tomaremos lá* ((Rindo)
 103 (Al) *Tomarão.*
 104 (Nei) A gente vai rir do Lula no segundo turno
 105 (Mar) E da gente
 106 e de todo mundo
 107 não dele né?
 108 (Jur) Pois é
 109 juntos *tomaremos lá.* ((Rindo)
 110 (Al) E da gente mesmo né?
 111 (Mar) E da gente né?
 112 Não do Lula.
 113 (Ana) Ele vai ficar muito puto
 114 (Inint.)
 115 Que que é isso
 116 alguém pode me
 117 dizer o que significa isso?
 118 (?) É queijo.
 119 (Mar) Eu falei isso brincando.
 120 Você me olhou *com ar*
 121 *de seriedade.*
 122 (?) Eu não.

Na sequência do excerto (6B), o acréscimo de (Mar) na UnE 101 pode ser considerado uma evidência da volta ao tópico das eleições, na medida em que o comentário “Amargo regresso”, antecedido por “Choramos juntas” de (Nei) e sucedido por “Juntos tomaremos lá” (Jur) e “Tomarão” (Al), demonstram a permanência desse tópico em uma zona ativa, nos termos de Langacker, partilhada pelos falantes. O emprego de *amargo*, adjetivo usado anteriormente para caracterizar (Nei) e todo petista (excerto 3) corrobora nossa interpretação desse trecho da conversa, já que pode ser considerado parte da memória discursiva que permanece disponível para construção conjunta do discurso conversacional.

O verbo *tomar* (UnEs 102 e 103), cujos sentidos de pegar, segurar, arrancar, tirar (século XIII) e ingerir alimento, entre outros, é usado metafonimicamente. Os sentidos básicos referentes a ações físicas são usados para conceptualizar contrariedades físicas e emocionais. A expressão popular *tomar em X*, usada muitas vezes forma agressiva, pode ser resultante de uma mescla entre os primeiros sentidos registrados na língua (pegar, segurar, tirar) e o sentido de ingerir alimento. A motivação metonímica relaciona-se à parte do corpo referenciada como CONTÊINER a ser *invadido* para alimentação ou agressão física. Na unidade 102, o termo *lá* de “Juntos tomaremos lá”, dito em meio a risos, retoma de forma indireta o xingamento a fim de se referir, em tom humorístico, à expectativa de um resultado negativo das eleições para Lula, assim como foi para Brizola que não chegou ao segundo turno: juntos brizolistas e petistas *tomarão lá*.

A UnE 104 corrobora a retomada do tópico das eleições, assim como as unidades seguintes (104 a 113), com comentários repetidos, um tipo de mecanismo coesivo em conversas. A partir da UnE 115, em paralelo às falas sobre eleição, outro tópico sobre comida é retomado. Nas UnEs 119 a 121, observamos (Mar) desculpando-se com um dos interlocutores não identificado na transcrição em relação ao que falou nas unidades 111 e 112. A passagem “Você me olhou com ar de seriedade” (120-121) foi analisada como metafonímica, visto que *com ar de seriedade* refere-se à interpretação de (Mar) acerca do *olhar* da interlocutora: parte do corpo pela expressão de descontentamento – OLHAR PELA REAÇÃO EMOCIONAL –, como base física para OLHAR É EMOÇÃO. Analisamos a fala de (Mar) como um caso de função avaliativa desempenhada por essa metafonímia.

Em paralelo, após resposta da UnE 117 sobre comida, a partir da unidade 123, o falante (Rom) sugere que (Nei) pegue salada, provavelmente porque a participante pegou comida do prato de (Rom), visto que (Jur) pergunta, em meio a risos, se (Nei) não sabe que não se mexe no prato de um homem. Falantes comentam de forma humorada sobre isso nas unidades do excerto (7).

Excerto (7)

- 123 (Rom) <Neide>
 124 você podia pegar salada.
 125 Como é que é?
 126 (Nei) O Romilson não liga não.
 127 (Jur) Você não sabia que no//
 128 num prato de um homem não se mexe? ((Risos))
 129 Ainda mais quando esse homem é o Romilson.
 130 (Nei) Uhm!
 131 Vira *onça*
 132 não se mexe na comida de um homem
 133 senão ele fica BRAVO.
 134 (Jur) Ainda mais quando o prato é do Romilson. /.../
 140 (Jur) Não
 141 que tal um *rato*? ((Risos))
 142 Que tal um *rato*?
 143 Um *camundongo*.

Na UnE 131, temos outra metafonímia, visto que parte do comportamento de uma onça é usada para caracterizar uma possível reação de (Rom) ao ter seu prato mexido, porém este afirma, na sequência, que (Jur) errou “duas vezes”: (i) “que isso aí não tem nada a ver” e (ii) “esse negócio de homem né?”. Em seguida, (Jur) questiona se (Rom) seria um rato ou camundongo em meio a risos. A relação entre ações humanas e animais é uma forma recorrente de categorizar comportamentos por meio do pensamento metafórico PESSOA É ANIMAL, com base na metonímia COMPORTAMENTO ANIMAL PELO COMPORTAMENTO HUMANO, uma especificação da metonímia ESTADO PELA PESSOA, relacionada ao MCI CAUSAÇÃO, porque ser uma onça é um EFEITO causado por reações violentas a contrariedades, raiva.

Como (Rom) afirma que não se aborrece, quando mexem no seu prato, e que não se trata de ser homem, passa a ser comparado a menos que um rato, um camundongo, conforme se observa nas unidades 140 a 143. Nesse trecho da conversa, com ativação de analogia entre pessoas e animais, em tom de brincadeira, as metafonímias desempenham a função de avaliação e humor na construção do discurso, além de referência, coesão e coerência. Na sequência da interação, a participante (Mci) afirma que não está entendendo. (Mar) e (Jur) afirmam que ninguém está entendendo nada e que não é para entender, só ouvir, conforme ilustrado no excerto (8).

Excerto (8)

- 144 (Mci) Essa
 145 eu não entendi!
 146 (Mar) Cê acha que alguém tá entendendo alguma coisa aqui. ((Risos))
 147 Francamente.
 148 (Jur) Não é pra entender também Marcinha.
 149 É só para ouvir.
 150 (Mci) Cê tá entendendo alguma coisa que tá
 [acontecendo no país]
 151 [Tá?]
 152 (Nei) [Marcinha]
 153 Só tem apenas *abobrinhas* durante o jantar.
 154 A gente sai daqui do mesmo jeito que entrou.
 155 Não tira nada daqui.
 156 (Ana) Você consegue entender (Inint.)
 157 [antes do jantar.]
 158 (Jur) [Não]
 159 Muito menos (Inint.)
 160 (Nei) É igual *almoço de família dia de domingo*.

Na UnE 150, (Mci) tenta voltar ao tópico da política, mas (Nei) continua a falar do jantar, valendo-se do termo *abobrinhas* para se referir aos assuntos triviais abordados durante o jantar. Esse emprego metafonímico de *abobrinhas* na linguagem cotidiana pode ter sido motivado pelo seu sabor sutil, como acontece no caso de chuchu – “o quarto estado físico da água”⁴. Nessa passagem do excerto (8), seu uso também pode ser motivado pelo evento durante o qual ocorre a interação: um jantar. O caminho conceptual dessa metafonímia pode ser concebido como um acesso a uma parte da categoria dos vegetais, logo uma relação PARTE-TODO, com base no MCI PROPRIEDADE E CATEGORIA, na metonímia ABOBRINHA PELOS VEGETAIS COM SABOR SUTIL, recrutada na metáfora ABOBRINHA É ASSUNTO TRIVIAL, em que se observa a relação entre dois domínios distintos.

O significado figurado de *abobrinha* está registrado nos dicionários *on-line Aurélio*, como sinônimo de absurdo, disparate, besteira, e da *Porto Editora*, como conversa superficial, asneira, tolice. Trata-se, portanto, de um conceito bem convencional, entrincheirado, em nossa cultura, que, nessa passagem, sintetiza de forma jocosa a opinião da falante (Nei) acerca dos tópicos abordados na interação até o momento. Assim, além da função humorística, essa metafonímia desempenha uma função avaliativa. Como ocorre em várias passagens da conversa que envolvem sentidos convencionais e expressões populares, acreditamos que, ao serem inseridos na interação com tais funções, são revitalizados discursivamente.

Na sequência, (Nei) compara o evento em que se encontram aos almoços de família aos domingos, quando também se falam *abobrinhas* (UnE 160): assuntos triviais. Podemos considerar os qualificativos *de família e dia de domingo* como gatilhos linguísticos para acesso referencial a uma parte das refeições em família; portanto, um caso de metonímia PARTE-TODO, ligada ao MCI PROPRIEDADE E CATEGORIA. A metonímia destaca um tipo de refeição em que a família pode se reunir, diferente de outros almoços, quando *abobrinhas* surgem em conversas triviais. Consideramos ALMOÇO DE FAMÍLIA DIA DE DOMINGO um caso de metafonímia, porque conceitua tais almoços como evento para tratar de assuntos triviais, que desempenha as seguintes funções: (i) avaliativa; (ii) humorística; (iii) base para destaque da conceptualização, porque um novo evento é recrutado e caracterizado para organização conceptual da interação; e (iv) anáfora, coesão e coerência, devido ao encadeamento discursivo da fala de (Nei). Nessa passagem, a contraparte metafórica da conceptualização relaciona-se à categorização de ALMOÇO DE FAMÍLIA DIA DE DOMINGO como um evento cuja finalidade é CONVERSAR SOBRE ABOBRINHAS: ALMOÇAR DIA DE DOMINGO É FALAR ABOBRINHA.

⁴ Comentário humorístico de um amigo, formado em Biologia, que não gosta de chuchu, durante conversa.

A ativação da metafonímia da UnE 160 leva os participantes a conversar sobre a galinha servida com frequência nos almoços de domingo de formas variadas – assada, molho pardo, milanesa. Outro participante afirma que o cardápio do almoço de domingo em sua casa é carne assada. Na sequência sobre cardápio, (Nei), ao ser indagada sobre como prefere comer galinha, afirma que não prefere de nenhum modo e que quer feijão com arroz: UnEs 183 a 185 do excerto (9).

Excerto (9)

- 183 (Nei) Eu num prefiro nada
 184 eu quero feijão e arroz
 185 tá.
 186 (Mar) O comício do Lula
 187 precisamos voltar a ter galinha aos domingos
 188 no jant/
 189 no almoço.
 190 Realmente
 191 a cozinha podia ser um prato do Nordeste.
 192 (Jur) Ele vai ser apedrejado
 193 eu vou jogar pedra nele
 194 aquilo num é galinha.
 195 (Nei) Muita *lula*.
 196 (Rom) Só espero que essas *abobrinhas* aqui
 197 não cheguem a
 198 prejudicar o próprio lado do Lula
 199 né?
 200 Só espero isso
 201 são palavras na boca dele.
 202 (Mar) Nós somos *Lula*
 203 *até debaixo d'água*
 204 o povo
 205 né?

Na unidade 186, (Mar) volta a falar de eleições, referindo-se ao comício do Lula, para voltar a ter galinha aos domingos, estabelecendo uma relação com o tópico anterior sobre cardápio do almoço aos domingos. Em seguida, afirma que poderia ser preparado um prato do Nordeste. A relação entre o tópico sobre eleições e sobre comida é reiterada nas unidades 195 e 196: nesta, o uso metafonímico de *abobrinhas* volta a ser recrutado; naquela, o peixe *lula* é citado, causando uma ambiguidade, visto que se relaciona ao nome político. Essa ambiguidade, recrutada por (Nei), ao empregar a palavra *lula*, foi considerada uma evidência das funções coesivas e humorística da metonímia PEIXE LULA PELO POLÍTICO LULA.

O conteúdo da UnE 201 pode estar ligado ao da UnE 187, como uma das falas de Lula em comício. Nas unidades 202 e 203, (Mar) reitera sua posição para o segundo turno das eleições, usando o dito popular *até debaixo d'água*, com sentido de *até sob condições adversas*, pois acreditam que poderá ser difícil Lula derrotar Collor.

De acordo com informações obtidas em blog sobre ditos populares, essa

[...] expressão, de início, significava *até sob as condições mais adversas*. Depois adquiriu outro sentido, passando também a significar *com fartura, em número elevado, com grande abundância*. Popularizou-se a partir de 1913, pois constituía a tradução da divisa da nossa flotilha de submarinos, adotada, em latim, no ano anterior: *Usque ad sub aquam nauta sum*, significava que aqueles homens eram *marinheiros até debaixo d'água*. Um homem bravo, valente, decidido, era a partir de então *homem até debaixo d'água*. Do mesmo modo, uma moça de muitos encantos era *bonita até debaixo d'água*. Foi empregada com o segundo sentido por Antônio de Alcântara Machado no conto "O Patriota Washington", que faz parte do livro "Laranja da China": "*Amanhã não haverá mais leprosos no Brasil. Por enquanto ainda há, mas isso de ter morfeia não é privilégio brasileiro. Não pensem não. O mundo inteiro tem. A argentina então nem se fala. Morfético até debaixo d'água*". (DITOS CURIOSOS, 2011)

A base física para o sentido da expressão parece plausível, mesmo sem considerar os aspectos históricos apontados como origem do dito, visto que seria difícil para os seres humanos respirar naturalmente e desempenhar várias tarefas embaixo d'água, devido à nossa natureza terrestre. Ser "Lula até debaixo d'água" pode ser considerado um caso de acesso metonímico com base no MCI SIGNO E REFERÊNCIA, porque as palavras ou expressões são usadas para acesso aos conceitos que expressam: NOME/EXPRESSÃO PELO CONCEITO. O dito *X até debaixo d'água*, desempenha, em geral, uma função de hipérbole no discurso, sentido também observado na conversa. Podemos ainda relacionar esse dito ao MCI LOCALIZAÇÃO, já que um local pode representar um evento ocorrido em um local: apoiar Lula até debaixo d'água, mesmo sendo um local virtual.

Assim, postulamos para as unidades 202 e 203 a metonímia LOCAL PELO DISCURSO EXPRESSO NO LOCAL, uma relação PARTE-PARTE, porque o apoio político seria um evento específico que ocorreria embaixo d'água. Devido à função retórica com que o dito *X até debaixo d'água* é usado na conversa para expressar apoio incondicional a Lula no segundo turno, relacionando o local de verbalização do discurso à posição defendida, dois domínios distintos, podemos considerar um caso de metafonímia, LOCAL DO DISCURSO É APOIO POLÍTICO INCONDICIONAL. Por se tratar de formas recorrentes convencionais de pensar, os ditos podem ser uma instância da metáfora convencional GENÉRICO É ESPECÍFICO, visto que podem ser empregados em vários contextos específicos devido ao seu caráter genérico.

A partir do excerto (9), até a UnE 645 (em um total de 704 da interação), participantes discorrem predominantemente sobre as eleições com trechos escassos sobre comida, mantendo a mesma tendência de construção de sentido do discurso, provavelmente devido ao ambiente em que a conversa acontece, de modo a explorar ambiguidade propiciada pelos elementos do ambiente. Além dos elementos físico-ambientais, os conhecimentos partilhados ativados até o excerto (9) permanecerão disponíveis no decorrer da interação com a discussão sobre a posição dos participantes mais ativos acerca dos posicionamentos defendidos sobre o segundo turno das eleições e a política brasileira.

Passamos, em seguida, às considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise, foi possível perceber as funções desempenhadas por metonímias na organização conceptual da conversa. Com base nessas funções, pudemos evidenciar a relação entre as metonímias e as metáforas, revelando a complexidade dessas formas de pensar, ao serem ativadas na interação analisada, daí nossa postulação de estarmos lidando com metafonímias. Em outras palavras, as metonímias postuladas fundamentam relações as metafóricas ativadas, porque lhes fornecem BASE conceptual e/ou âncoras materiais, a partir do recrutamento dos elementos dos MCIs ativados para construção de sentidos e dos elementos do cenário.

O conteúdo conceptual ativado metafonimicamente é processado dinamicamente na construção conjunta do discurso conversacional, em razão da BASE COMUM partilhada pelos participantes, que inclui, além dos elementos cenário comunicativo real da interação, conhecimentos de natureza diversa. Em conversas cotidianas, o conteúdo conceptual predominante é altamente convencional, de modo a ser ativado sem grande custo de memória, obedecendo, assim, ao princípio *estereotipado sobre não estereotipado* (RADDEN; KÖVECSSES, 1999), pois conceitos estereotipados são cognitivamente mais disponíveis, como o acesso a ditos e expressões populares ilustrado na análise.

Outros dois princípios também foram observados na seleção veículos metonímicos: (i) opção por itens *concretos sobre abstratos*, como o emprego de *abobrinhas* em lugar de conversa sobre assuntos não relevantes, e *Lula até debaixo d'água* em lugar de apoio incondicional a Lula; (ii) *básico sobre não básico em roupa de militante*, por exemplo, quando um dos participantes destaca o comportamento feminino. Todas as estratégias linguístico-cognitivas ativadas por meio de metonímias imprimem efeitos retóricos ao discurso dos participantes, em que predominam o humor e a descontração, a fim de atender a princípios comunicativos para a conceptualização conjunta da conversa.

Nesse sentido, podemos postular o seguinte caminho conceptual para integração entre metonímia e metáfora, com base na análise proposta: ao ser ativada a parte de um domínio ou MCI (em relação a um todo ou a uma parte) no contexto da conversa, conforme o tipo de efeito retórico-discursivo desempenhado por essa parte, em que posições e conceitos são alcançados, entramos no âmbito da metáfora. Isso pode ser observado, por exemplo, na expressão *ficar de frenTE pro mar e de costas pro Brasil* (excerto 2), empregada para conceptualizar a necessidade de engajamento político-social por meio da ativação de uma imagem convencional, surgida da experiência com movimento e repouso do corpo humano no espaço físico, que, ativada metonimicamente no contexto da interação, leva à posição defendida pelo participante.

Na expressão metonímica *O PRATO faz as pessoas* (excerto 5), um elemento do cenário em que a interação acontece é recrutado para emissão de uma avaliação com humor de um dos participantes; logo, uma referência exofórica a um objeto físico, uma parte do cenário, cuja função extrapola seu papel referencial na construção do sentido, devido às outras funções que desempenha na sequência e no propósito do discurso construído coletivamente. Assim, em razão do emprego dessa e de outras ocorrências analisadas, postulamos o papel basilar das metonímias na ativação do pensamento metafórico, que, de modo tão integrado, consistem em metafonímias.

Com base na análise, em que observamos o desempenho de várias funções em cada metonímia inserida no contexto conversacional, reiteramos a complexidade das metafonímias postuladas. Quanto mais funções criativas, mais complexa a relação entre metonímia e metáfora. As funções de cunho referencial (exofórica, anafórica, coesão e coerência) relacionam-se à organização conceptual do conteúdo discursivo, ao passo que as de cunho ilocucionário, base e destaque para conceptualização, construção e estabelecimento de relações entre comunidades discursivas, bem como as de avaliação e humor, relacionam-se ao gerenciamento das intenções e propósitos conversacionais.

Acreditamos que, embora essas partes de domínios recrutadas (metonímias) para conceptualizar algo (metáforas) integrem, ou passem a integrar, nosso conhecimento enciclopédico, o mecanismo de ativação *online* ocorre em espaços mentais. Os espaços mentais seriam os operadores do processamento discursivo, ou seja, espaços da conceptualização, em que estariam operando todas informações contextuais e linguísticas.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO; VELOZO; MARTINS, C. Expressões metafóricas cotidianas. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 45-53, jan./jun. 2016.
- BLANK, A. Co-presence and succession: a cognitive typology of metonymy. In: PANTHER K.-U.; RADDEN, G. (ed.). *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 169-191.
- CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 1-27.
- DITOS CURIOSOS. Até debaixo d' água, 16 jul. 2011. *Blog Ditos Curiosos*. Disponível em: <http://ditoscuriosos.blogspot.com/2011/07/ate-debaixo-dagua.html>. Acesso em: 6 mar. 2020.

- DU BOIS, J. *et al.* (ed.). *Discourse transcription*. Santa Barbara Papers in Linguistics vol. 4. Santa Barbara: University of California, 1992.
- EVANS, V. *A glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.
- GIBBS JR., R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GIBBS JR., R. W.; COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *In*: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 239-268.
- GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions of linguistic action. *Cognitive Linguistics I*, p. 323-340, 1990.
- KÖVECSESES, Z. *Language, mind and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.
- KÖVECSESES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana* [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LITTLEMORE, J. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- RADDEN, G; KÖVECSESES, Z. Towards a theory of metonymy. *In*: PANTHER K.-U.; RADDEN, G. (ed.). *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 17-59.
- RONCARATI, C. (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.



Recebida em 28/04/2020. Aceita em 10/08/2020.